



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA (UNILAB)**

INSTITUTO HUMANIDADES E LETRAS (IHL)

BACHARELADO EM HUMANIDADES (BHU)

A QUESTÃO DO ABORTO NA OBRA *ÉTICA PRÁTICA* DE PETER SINGER

BRENA RAQUEL GONZAGA DOS SANTOS

Redenção- CE

2017



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA (UNILAB)**

**INSTITUTO HUMANIDADES E LETRAS (IHL)
BACHARELADO EM HUMANIDADES (BHU)**

BRENA RAQUEL GONZAGA DOS SANTOS

A QUESTÃO DO ABORTO NA OBRA *ÉTICA PRÁTICA* DE PETER SINGER

Projeto de Pesquisa, apresentado à Banca Examinadora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, para obtenção do grau de Bacharel em Humanidades.

ORIENTADOR: Prof. Dr. Luis Carlos Silva de Sousa

Redenção- CE

2017

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	3
2	OBJETIVOS	5
3	JUSTIFICATIVA	5
4	PROBLEMATIZAÇÃO.....	7
5	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA PRELIMINAR.....	9
6	METODOLOGIA	18
7	CRONOGRAMA.....	19
8	REFERÊNCIAS	20

INTRODUÇÃO E DELIMITAÇÃO DO OBJETO

A obra *Ética Prática* de Peter Singer levanta assuntos de grande importância para a sociedade. Peter Singer expõe em seu livro assuntos relacionados aos princípios da ética, igualdade para com os animais, o que há de errado em matar um ser humano ou animal etc., expondo ainda a problemática principal de nossa pesquisa e de grande implicação moral na sociedade: a questão do aborto.

A maioria das pessoas veem o aborto de forma proibitiva. Essa proibição ocorre na forma da lei em alguns países (como Brasil, El Salvador, Nicarágua e Chile). No entanto Peter Singer possui argumentos relevantes para justificar a causa do aborto, utilizando argumentos da ética utilitarista como fator crucial para justificar sua prática.

A ética destacada por Peter Singer pressupõe a aplicação a questões práticas, como “o tratamento dispensado às minorias éticas, a igualdade para as mulheres, o uso de animais em pesquisas, a fabricação de alimentos, a preservação do meio ambiente, o aborto, a eutanásia e a obrigação que têm os ricos de ajudar os pobres.” (SINGER, 2002. p. 9)

Todos estes temas são debatidos por Singer, que antes mesmo de iniciar essas demandas preliminares, aborda qual ética está ligada a todas essas questões, até mesmo para que se possa ter um entendimento bem claro daquilo que se pode discutir quando estes se relacionam aos problemas éticos decorrentes da sociedade.

Para dar conta da análise sobre o aborto, o presente trabalho será realizado a partir do livro *Ética Prática* de Peter Singer, tendo como abordagem principal o capítulo 6, *Tirar a vida: embrião e o feto*. A pesquisa será complementada com a abordagem de quatro outros capítulos da mesma obra: o primeiro capítulo do livro (*Sobre a ética*), o capítulo 4 (*O que há de errado em matar?*), o capítulo 7 (*Tirar a vida: os seres humanos*), e o capítulo 12 (*Por que agir moralmente?*). Portanto, a presente pesquisa tem como objetivo a apresentação dos argumentos filosóficos da questão do aborto a partir de Peter Singer.

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL:

A proposta deste trabalho tem por objetivo geral analisar a problemática do aborto a partir do livro *Ética Prática* de Peter Singer, enfatizando o 6 (sexto) capítulo da obra: *Tirar a vida: o embrião e o feto*.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- a) Desenvolver uma melhor compreensão sobre a ética utilitarista.
- b) Analisar a visão de Peter Singer sobre a noção de pessoa.
- c) Explorar os questionamentos de Peter Singer sobre o *status* do embrião, levando em consideração a fundamentação da ética utilitarista.

JUSTIFICATIVA

Peter Singer nasceu na Austrália, em 1946. É filósofo, co-diretor do *Instituto de Ética e Assuntos Públicos*, e diretor do *Centro de Bioética Humana* da Universidade de Monash, Melbourne. Tornou-se famoso com a publicação das obras *Ética Prática* (1979) e *Libertação Animal* (1975).

A visão utilitarista de Peter Singer é baseada nos princípios do prazer e da dor. O universalismo e o consequencialismo éticos são vistos claramente em seus argumentos. O autor faz críticas à sacralidade da vida humana, que envolve as questões do aborto e eutanásia. Ele desenvolve uma visão bastante polêmica acerca de seus temas, que inclusive rendeu ao seu livro *Ética Prática* um apêndice, descrevendo alguns profundos mal-entendidos em torno das suas posições, e que provocaram violentas reações contra a obra na Alemanha, Áustria e Suíça, onde o livro testou os limites da liberdade de expressão.

Dessa forma, o filósofo é considerado um dos mais polêmicos da atualidade, por abranger e debater assuntos considerados polêmicos, gerando assim a necessidade de compreender seu pensamento sobre a perspectiva aborto.

O aborto pressupõe debates recorrentes à sociedade contemporânea. Estas discussões muitas vezes controversas envolvem situações sobre a ética e sua prática legal. Nessas pendências existem dois grupos bem definidos e que defendem lados opostos, sendo eles: os *pró-vida* (os que vão contra a prática do aborto, que, às vezes, formulam um pedido de proibição completa, embasando seus argumentos de que o feto é uma pessoa e deve ter os mesmos direitos que qualquer outro cidadão). E os *pró-escolha* (os que defendem o direito das mulheres de decidirem o que é melhor para si, sendo a liberdade individual o poder sobre seu próprio corpo). Ambos movimentos possuem reivindicações viáveis, e procuram influenciar a opinião pública para obtenção de apoio aos seus posicionamentos, e assim modificar a legislação.

Atualmente no artigo 124 do *Código Penal Brasileiro*, o aborto é considerado um crime contra a vida. A pena prevista é de 1 (um) a 3 (três) anos, caso o procedimento tenha sido provocado pela gestante e com seu consentimento, e de 3 (três) a 10 (dez) anos em caso que seja provocado por terceiros sem o consentimento da gestante. O aborto passa a não ser penalizado somente em três situações: em caso de estupro, risco de morte para a mãe ou se o feto for diagnosticado com anencefalia (doença causada pela má formação do cérebro do feto na gestação).

Sendo assim, nosso trabalho é importante, pois orientará os diversos públicos, especificamente, a comunidade acadêmica, refletindo sobre a influência dos argumentos de Peter Singer a respeito da questão do aborto, além de explicar a postura utilitarista do autor.

O embasamento teórico do nosso trabalho será o livro *Ética Prática* de Peter Singer (2002), 6 (sexto) capítulo: *Tirar a vida: o embrião e o feto*.

Para além da produção de conhecimento em favor da sociedade, este estudo também se faz relevante por ser um tema polêmico, e ao mesmo tempo reflexivo nas categorias das Ciências Humanas, visto que o ser humano é posto em evidência.

Ao fim da pesquisa, esperamos alcançar nossos objetivos específicos para, de fato, fecharmos a ideia central do estudo. Almejamos, ainda, que a questão do aborto interesse ao público da pesquisa, e que de alguma forma tenha seja um instrumento explicativo e reflexivo capaz de mobilizar os interesses de mudança, para ocasionar melhorias à temática investigada.

O processo investigativo será realizado através da leitura do livro *Ética Prática* de Peter Singer. Como contraponto, iremos propor a leitura do teórico Elio Sgreccia, que terá seu modelo de bioética mostrado com o assunto proposto pela pesquisa para que o público alvo tenha compreensão ampla de uma nova forma de modelo bioético e visão divergente a Peter Singer. A coleta de dados será feita através de dados bibliográficos, tendo como referência a visão de outro autor sobre o tema além da visão argumentativa de Peter Singer.

PROBLEMATIZAÇÃO

Problemas presentes na sociedade contemporânea advêm de certos modos incorretos de ação humana, frequentes em nosso cotidiano. A partir dessa perspectiva é possível compreender os diversos problemas recorrentes no meio social, como o litígio do aborto que recebe visibilidade em termos de discussões a seu respeito, por ser um

assunto delicado e de pouca conversação no meio comum. Informações a respeito dessa questão são feitas com pouca amplitude por parte dos indivíduos e principalmente por mulheres que não extraem descobertas e informações para aumentar seu grau de conhecimento. De maneira geral, as utilizações dessas informações são pouco aplicadas no meio social, por exemplo, em conversas paralelas no cotidiano.

Questões relacionadas à ética geram discussões controversas quando esta se refere ao aborto. Há diálogos divergentes a respeito desta questão, que é classificada como polêmica quando comparado a outros temas discutidos na sociedade.

Não há como ignorar o fenômeno do aborto, seja ele clandestino ou não, pois é um objeto de estudo que precisa de atenção até mesmo da psicologia, sociologia ou filosofia, no que motiva interesses que podem levar a uma escolha de vida/morte.

Para se compreender a problemática do aborto, e suas justificativas para tal ato, será necessária a análise de alguns modelos bioéticos existentes, de modo que auxiliem na comparação e especificação do modelo de Peter Singer .

O aborto pode ser tratado por diversos ângulos, podendo partir do ponto de vista histórico, perpassando pela antiguidade, na idade média, até os tempos mais recentes. Sendo dessa forma julgado pela moral de cada época, analisando suas causas e consequências, crescimento e superação.

Elio Sgreccia autor, do livro *Manual de Bioética I- Fundamentos e Ética Biomédica* (1996) expõe no capítulo 9, *Bioética e aborto*, uma visão divergente a de Peter Singer no que se refere à perspectiva do aborto. Traz uma percepção alternativa e amplia as ideias a respeito desta temática estudada.

De acordo com Elio Sgreccia (1996) este assunto pode ter suas incidências estudadas por meios sociológicos, teológico-moral e canônico, sobretudo no âmbito da igreja católica, que no passado era amplamente considerado um fato oculto.

Segundo Elio Sgreccia:

Até a incerteza dos juristas sobre a aplicabilidade ou não do conceito de *pessoa* aos primeiros estádios se torna uma elucubração inútil quando se pensa que pouco importa como se queira juridicamente defini-lo, pois *aquele* embrião já é o mesmo indivíduo em desenvolvimento que será definido pessoa. (SGRECCIA, 1996, p. 347).

Para Sgreccia a hierarquia de bens de valores no caso de situações de conflitos éticos deve objetivar o caráter da vida humana. Dessa maneira o autor faz uma releitura *personalista* dos princípios da bioética, mais precisamente o personalismo cristão e a tradição do direito natural, onde o ser humano é visto como imagem de Deus (*imago Dei*) tendo agora a questão do consentimento livre e esclarecido.

Ao contrário dessa ideia Singer avalia que:

O embrião, o feto, a criança com profundas deficiências mentais e o próprio bebê recém-nascido são, todos, membros inquestionáveis da espécie *Homo Sapiens*, mas nenhum deles é autoconsciente, tem senso de futuro ou capacidade de se relacionar com os outros. (SINGER, 2002, p. 96)

Ou seja, de acordo com Singer o fato de um ser humano pertencer a mesma espécie passa a não ser relevante para o erro de matá-lo. As características referentes a um ser da mesma espécie faz grande diferença quando este se refere ao erro de que matar um ser é um legado de doutrina religiosa, e até mesmo os que se opõem ao aborto hesitam em fazer esse debate. Examinando o feto com as suas próprias características concretas, este passa a possuir uma certa igualdade, por possuir características semelhantes mesmo ainda não sendo membro de nossa espécie.

O autor então sugere que não devemos atribuir a vida de um feto um valor maior que a vida de um animal no mesmo estado de racionalidade, autoconsciência, consciência, capacidade de sentir etc. Neste sentido, ele ainda expõe que nenhum feto é uma pessoa, nenhum feto tem o mesmo direito à vida que uma pessoa.

As visões mostradas acima revelam uma nova amplitude de ideias existentes sobre a perspectiva do aborto: uma traduz a visão personalista, em que o homem é feito à imagem e semelhança de Deus, o que o torna sagrado; o outro, com uma visão utilitarista baseada em princípios de dor e prazer. Essa análise será abordada para que o público alvo tenha uma melhor compreensão de como este tema é visto por autores com visões divergentes.

Levando em consideração este aspecto, a pesquisa analisada irá discutir como Peter Singer desenvolve a fundamentação dos princípios utilitaristas e sua relação com a problemática do aborto, o que será compreendido a partir do capítulo 1 (Sobre a ética) de seu livro *Ética Prática*.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA PRELIMINAR

Uma breve perspectiva sobre a ética de Peter Singer

Uma maior tentativa de compreender os problemas da sociedade deve ser acompanhada pela necessidade,, sentida por alguns estudiosos, em fornecer princípios éticos para referenciar a resolução de conflitos. Sendo assim é preciso que a ética seja pensada para que os fatos analisados tenham uma melhor explicação do assunto

supracitado. De acordo com Peter Singer a ética se fundamenta num ponto de vista *universal*, o que não significa que um juízo ético particular deva ser universalmente aplicável. (SINGER, 2002, p. 19).

Em seu livro *Ética Prática*, há uma enunciação do autor pressupondo uma melhor compreensão da ética. “Um juízo ético que não é bom na prática deve ressentir-se também de um defeito teórico, pois a questão fundamental dos juízos éticos é orientar a prática”. (SINGER, 2002, p. 10).

Fundamentando em suas concepções e o entendimento sobre seu conhecimento a respeito da ética e a moralidade, o autor desconstrói a compreensão que muitos generalizam sobre o que seria a ética. Esta desconstrução é necessária, pois desse modo Singer quebra o tabu de que a ética seria definida como uma série de proibições. Ele justifica que certos problemas éticos são mais importantes a serem considerados. tendo que receber mais atenção, ressaltando que nem todos os casos deveriam ser considerados devido ao seu grau de importância que seria “baixo”.

Segundo Peter Singer:

Há quem pense que a ética é inaplicável ao mundo real, por considera-la um sistema de normas simples e curtas, do gênero “Não minta”, “Não roube” e “Não mate”. Não é de espantar que os adeptos dessa concepção de ética também acreditem que ela não foi talhada para as complexidades da vida. Em situações incomuns as normas simples entram em conflito, e ainda que assim não fosse, a observância de uma norma pode ser desastrosa. Normalmente, pode ser errado mentir, mas se você vivesse na Alemanha nazista e a gestapo batesse à sua porta em busca de judeus, certamente seria correto negar a presença da família judia escondida no seu sótão. (SINGER, 2002, p. 26)

Nessa perspectiva, o autor expõe que a ética não está sempre atribuída a um conjunto de normas e leis, pois muitas situações éticas estão sendo feitas diariamente concluindo que ela não está apenas no papel. A ética de P. Singer pretende que devemos avaliar as *consequências* de uma decisão, de acordo com a minimização da dor e a maximização do prazer de todos os envolvidos na ação. De acordo com um observador imparcial, que avaliaria universalmente as decisões, será correto negar a presença dos judeus no sótão: sob a ótica dos judeus, falar a verdade, neste caso, teria como consequência a morte de toda a família. Isto não quer dizer que a ética é relativa, mas que, em alguns casos, falar a verdade traz piores consequências para os interessados.

A moralidade, com um tempo, passou a significar um sistema de proibições contra certas formas de fruição sexual, em razão do mal desempenho de algumas pessoas sobre o público (Líderes Morais da comunidade). Um motivo insistente entre filósofos moralistas é que as noções da moral dos juízos morais são puramente

emocionais e que em sua formação não desempenha nenhum papel. Obviamente, essa concepção de filosofia moral é importante para moldar a filosofia moral que temos na sociedade, e que estes pontos de vista são tão bons quanto o dos demais, porém poucos filósofos endossam a versão grosseira do termo emocionalismo mesmo assim está já foi endossada por muitos.

Devido à ética pressupor estes pensamentos, a noção do aborto passa a ser vista pela sociedade de forma proibitiva, concluindo que logo ao abortar, estaria fazendo algo contrário a normas e leis existentes na sociedade. Nesses termos o problema não seria saber “a diferença entre o certo e o errado” quanto consiste em decidir o que é certo e o que é errado. (SINGER, 2000, p. 23)

A justificativa do aborto na visão de Peter Singer

Sendo o processo do desenvolvimento do ser humano gradual, questões envolvendo aborto e experiências destrutivas trazem questões éticas difíceis de se decidir, levando em consideração o caso do óvulo fertilizado após sua concepção. Peter Singer expõe que após 14 dias com o embrião fertilizado ainda não se pode obter informações se o embrião será um ou dois indivíduos. Sendo considerado um ser sem consciência e que não sentiria dor. Não sendo igualado de nenhuma maneira com um óvulo adulto, pois, matar um óvulo adulto é cometer um assassinato, sendo a divisória nítida entre a separação do óvulo fertilizado e o adulto.

Esta seria a problematização existencial sobre as discussões envolvendo a questão do aborto. Peter Singer avalia os conservadores que são contra esta prática, usando uma perspectiva ampla para a abordagem do assunto. Fazendo de início um contraste com opiniões moralistas, colocando o aborto como um problema sem solução.

É exposto em seu capítulo 6 (*Tirar a vida: o embrião e o Feto*) o argumento formal, básico pelo qual os conservadores defendem. Sendo eles:

Primeira premissa: É errado matar um ser humano inocente.

Segunda premissa: Um feto humano é um ser humano inocente.

Conclusão: Logo, é errado matar um feto humano.

O ponto de vista conservador é posto em seu livro a fim de colocá-la em suas argumentações, a utilização da ação liberalista tradicional, que logo em seguida é

descartada pelo autor. Abrindo assim, uma discussão para o campo mais amplo de que o problema estaria em discutir se o feto é ou não um ser humano.

De acordo com Singer o nascimento é uma das linhas divisórias que melhor se adequa à visão liberalista. A destruição de um feto que nunca se viu, traz menos conturbações em vista daquele ser que podemos ver, ouvir e sentir. No entanto, isso não é o suficiente para fazer do nascimento uma linha divisória no que pode ser ou não morto. Conservadoristas costumam em sua análise responder que feto/bebê são as mesmas entidades mesmo vendo ou não, o mesmo grau de consciência e a mesma capacidade de sentirem dor. Por estes motivos Peter Singer relata que a localização não deveria configurar tanta diferença quando se considerado o erro de morte:

Sob esses aspectos, um bebê prematuro pode muito bem ser menos desenvolvido do que um feto que se aproxima de do fim de sua duração norma. Parece estranho admitir que não podemos matar o bebê prematuro, mas que podemos matar o feto mais desenvolvido. A localização de um ser – dentro ou fora do útero – não deveria configurar tanta diferença quanto ao erro que consiste em mata-lo. (SINGER, 2002. P.149)

Após o nascimento não assinalar ainda uma divergência moral decisiva em ponto de vista decisivo, não seria viável tratar o feto e o bebê em teor de igualdade, pois, seus estágios de desenvolvimento são diferentes.

Voltando a retratar a visão de liberalistas que deduzem e veem a dependência do feto para com a mãe, de maneira a significar que não importe o nível de independência e os desejos da mãe, este não tem direito a vida. Em outros casos esta dependência não dá o direito a mãe de tirar a vida ou decidir por ele. Pois, não seria plausível sugerir que a dependência justificasse a viabilidade da linha divisória, sendo difícil concluir por que poderia ser justificado este ato.

Diante da decorrência dos fatos o nascimento e a viabilidade não assinalam uma discrepância moral acerca do que iria ser dito acerca do terceiro participante. Pois, logo de início se pensava que este momento seria o início da vida, momento em que ganhava sua alma. Peter Singer menciona que se considerarmos este ponto de vista segundo a concepção cristã, este é o que difere os seres humanos dos animais.

Na percepção de Singer na proporção que se constrói a forma de consciência de cada ser humano, assim que o movimento é considerado uma importância moral, a capacidade e a consciência de sentir prazer ou dor possuem uma grande importância concreta.

Relevante a isso assuntos relacionadas ao aborto, costumam não envolver a questões do desenvolvimento da consciência no feto. Antagônicos ao aborto expõem

que a partir do momento da concepção já se possui direito a vida. Após, muitas pesquisas feitas constataram-se que a existência de atividades cerebrais mais precisamente na sétima semana de gestação, o feto poderia ser capaz de sentir dor.

Um outro argumento contestado por Singer é o de que “as leis que proíbem o aborto não acabam com ele, mas levam-no, apenas a ser feito clandestinamente”. Este argumento possui grande influência a reverenciar uma nova forma de leis liberais sobre o aborto.

A importância neste argumento do autor é o fato de ser contra leis que proíbem o aborto, vendo este como um erro. Este preceito ilustra uma distinção, pois, uma mulher poderia aceitar ou não, defendendo um ponto de vista de que a lei deve permitir o aborto sempre que solicitado, ao mesmo tempo mostrando a mulher grávida que não seria errado abortar.

Singer, expõe que “é um erro pressupor que a legislação deve sempre reforçar a moralidade”. Propondo que a tentativa de fazer a conduta certa não implique em consequências não desejadas por ninguém, gerando um decréscimo de erros. Solicitando dessa forma, o autor acredita que deve existir uma esfera ética privada na qual o Direito Governamental não deve interferir.

A importância neste argumento é o fato de ser contra leis que proíbem o aborto, vendo este como um erro. Este preceito ilustra uma distinção, pois, uma mulher poderia aceitar ou não, defendendo um ponto de vista de que a lei deve permitir o aborto sempre que solicitado, ao mesmo tempo mostrando a mulher grávida que não seria errado abortar.

Desse modo, os primeiros argumentos se baseiam nas leis que regem o aborto, e não sobre a ética do aborto. Contestando a afirmação conservadora de que praticar o aborto é a mesma coisa que se cometer um assassinato. O mesmo retrata que os pensadores insistentes em restringir o acesso ao aborto só levam muitas mulheres a cometê-lo em abortadores de fundo de quintal.

Em geral, as mulheres que pretendem abortar estão desesperadas e procurarão um abortador de fundo de quintal ou usarão remédios populares. O aborto feito por um médico qualificado é uma operação tão segura quanto qualquer outra, mas as tentativas de procurar fazer aborto com profissionais desqualificados geralmente resulta em graves complicações médicas e, às vezes, até mesmo na morte. Portanto, o resultado da proibição do aborto não é tanto redução do número de abortos realizados, mas, sim, o aumento das dificuldades e dos perigos para as mulheres com uma gravidez indesejada. (SINGER, 2002. P.153)

O direito a defesa de determinados pontos de vistas, dispõem de agir de forma não coerciva aos interesses dos outros, pois, uma sociedade pluralista, a intolerância deve fazer parte da vida de todos e a respeitar ideias divergentes, deixando a decisão de tomar uma atitude sobre o problema parta de quem estar vivenciando o problema.

Singer menciona que a inclusão do aborto em crimes sem vítimas, discute sobre o fato de esta prática atingir ou não uma “vítima”. Contrários a prática do aborto, vitimam o feto como uma vítima grave, impondo que um ser só pode ser uma vítima se seus interesses forem violados, porém, o feto não possui seus interesses próprios.

Em outro momento o autor traz um exemplo mostrando a divergência existente sobre qual vida vale mais. Peter Singer, expõe que o porco e a galinha seres ridicularizados pela sociedade, estão bem à frente do feto em qualquer dos estágios de gravidez. O autor faz a comparação mesmo possuindo menos de três meses, pois, um peixe teria mais indícios de possuir consciência que um feto humano.

De acordo com o autor o estupro sendo resultado de uma não escolha da mulher, e que tamanha atrocidade foi praticada. A gravidez indesejada parece não ser o argumento necessário para justificar a prática do aborto. Para tanto, as atribuições da vida do feto passam a ter o mesmo valor da vida de uma pessoa normal. A conclusão sobre discursões feitas com respostas liberais e argumentos conservadoristas contra o aborto, estabelecem-se que esses liberais não conseguem pôr uma divisória moralmente significativa entre o recém-nascido, feto e seus argumentos. A não obtenção de argumentos traz justificativas para explicar o aborto exemplificando que o feto seria um ser humano inocente. Pois, suas argumentações não conseguem admitir que o assunto contra o aborto passe a ser bem fundamentado.

As preocupações dos utilitaristas clássicos incorporam a ação de não deixar o medo interferir, pois, o peso que é atribuído aos utilitaristas esta preferencialmente ligado aos desejos do ser humano, e a ligação estabelecida entre o direito à vida e a capacidade de ver-se como sujeito mental dotado de continuidade e autonomia. A relevância em potencializar o feto humano é que este se torna importante não por criar no feto o direito à vida, mas por quem quer que o mate estará privando o mundo de no futuro ser um racional e autoconsciente.

Por ora Singer ainda reflete sobre o momento em que o feto se tornara capaz de sentir dor. Porém, enquanto não houver estatísticas suficiente quanto a essa questão, o aborto colocará um fim a existência que não tem valor intrínseco algum.

“...depois, quando o feto talvez for consciente, ainda que não consciente de se, o aborto não deve ser considerado levemente”. P. 161.

Os direitos e interesses que o feto não possui, faz Peter Singer afirmar que este não tem direito a vida. Mas se fosse levado dessa forma, os animais também não possuiriam qualquer direito ou interesses. A capacidade do feto em sentir dor, e exemplificando os animais estes que não possuem interesse de não sentir dor, levam a crer que ambos deveriam ter a mesma consideração mesmo que não possuam características semelhantes.

Já afirmei que o feto não tem direito algum à vida, nem, estritamente falando, interesse algum por ela. Mas também vimos que, no caso dos animais, afirmar que um ser não tem direito à vida não significa que esse ser não tenha quaisquer direitos ou interesses. Se o feto é capaz de sentir dor, então, a exemplo dos animais, ele tem o interesse em não sentir dor, e deve-se dar a esse interesse a mesma consideração que se dá aos interesses semelhantes de qualquer outro ser. (SINGER, 2002. P. 173-174.)

O autor expõe ainda que não a inerência ao fato de existirem mais abortos, nem o fato de mulheres engravidarem, mais que tais ações não deveriam ser praticadas livremente. Sua principal objeção está no ato das mulheres serem forçada a não terem direito de escolha, proibindo-a que estas possuam opções para se obter tecidos fetais.

Mas, pelas razões já expostas, não vejo nada de inerentemente errado na existência de mais abortos, nem no fato de as mulheres engravidarem para doar tecido fetal, desde eu as mulheres em questão estejam optando livremente por fazer tais coisas, e que os abortos adicionais realmente deem alguma contribuição para que outras vidas possam ser salvas. Se a principal objeção é a de que os atos das mulheres podem ser forçados e não livremente escolhidos, a solução não estaria em proibir todas as opções pelo aborto para se obter tecido fetal, mais sim em estabelecer procedimentos capazes de assegurar que as que fazem esse tipo de opção tenham escolhido livremente, à luz de todas as informações relevantes que seja possível obter. (SINGER, 2002. P. 177)

Singer faz um argumento marcante em seu livro questionando entre o bebê de uma semana não sendo um ser racional e consciente de si, muitos animais cuja a racionalidade é muito mais desenvolvida do que os mesmos atributos concebidos ao bebê de uma semana, sendo assim o feto não deveria ter o mesmo direito a vida que uma bebê recém-nascido. Não é que o recém-nascido tenha menos valor, mais que analisado dessa forma a vida de um porco, um cão, ou um chimpanzé deveriam ter um pé de igualdade.

O fato dos bebês não conseguirem se defender sozinhos não parece ser um fato gritante para Peter Singer se convencer de que eles merecem ter mais direito a vida do que um adulto. Ele ainda mostra em sua análise, que o assassinato de um bebê, não é uma coisa tão perversa, quanto a morte de um inocente. Refletindo sobre esta questão,

os sentimentos não devem ser baseados na aparência indefesa, pois, pensar assim faz a vida de um bebê possuir mais valor, por serem pequenos e engraçados. Sendo assim, o autor cita o exemplo que equivale pensar em um filhote de foca que mesmo não possuindo os mesmos atributos, não é considerado motivo suficiente para pôr uma igualdade entre o indefeso e o inocente.

Levando em consideração, estes aspectos fazem com que se escolham os ratos de laboratório, para fazer experimentos, mesmo que preferivelmente estes sejam seres inocentes, os bebês humanos sempre possuirão o sentido de inocentes.

Para o autor o fato é que, é difícil dizer em que idade as crianças passam a possuir suas distinções de existência e extrair delas uma concepção inerente sobre a morte, pois sem dúvida a variação de idade faz com que não se saiba o certo quando começam a entender estas questões. A dificuldade traçada nesta divisória, não se torna um motivo para que seja obviamente errado o fato de dizer quando alguém é ou não alvo por exemplo. É evidente que Peter Singer discorre sobre que os riscos destas divisórias em que se dá pelo direito, e o erro de aplicá-lo em sociedade sendo ainda plausível para fins legais que proporciona uma linha divisória nítida.

A esfera política da sociedade é compatível no ponto de razões éticas, referentes ao assassinato de um recém-nascido, não sendo compatível a razões éticas quando se referindo a uma criança mais velha. Filósofos renomados como Aristóteles e Platão recomendam a morte de bebês deformados, pois, o infanticídio é tido como solução natural para o problema colocado aos bebês doentes e deformados.

As mudanças de atitudes acidentais ocorrida com a evolução dos séculos, talvez possibilitou hoje examinar todas estas questões, sem adotar a estrutura moral cristã, impedindo qualquer revolução essencial, feito por meio da estrutura cristã.

O autor ressalta que mesmo assim, estas premissas não sugerem que se saia mundo afora matando bebês, mas que mesmo assim equiparem a mulher a fazer abortos.

Peter Singer evidencia que se deva estabelecer condições rigorosas para a permissão do infanticídio, e seus efeitos que podem sobretudo advim de erros intrínseco em matar um bebê. A comparação feita entre o aborto e o infanticídio sugere que há objeção assumida por Peter Singer sobre o aborto de forma a justificar o infanticídio.

O *status do embrião* e o utilitarismo de Peter Singer

É necessário que haja uma breve explanação sobre o *status* do embrião e o utilitarismo que Peter Singer defende. Para isso serão abordados aqui alguns

argumentos fundamentais para uma melhor compreensão do pensamento de Peter Singer.

Primeiro é preciso ressaltar que não há somente uma forma de utilitarismo, pois um mesmo utilitarismo pode ter uma visão completamente divergente de outro autor que também possua uma visão utilitarista dos fatos.

Segundo o autor:

O utilitarismo é a mais conhecida das teorias consequencialistas, ainda que não seja a única. O utilitarista clássico considera uma ação correta desde que, comparada a uma ação alternativa, ela produza um aumento igual, ou maior, da felicidade de todos os que são por ela atingidos, e errada desde que não consiga fazê-lo. (SINGER, 2002. P. 11).

Dessa forma, é proposto pelo autor uma nova forma de utilitarismo (clássico), que está equiparada à ação consequencialista dos fatos em que defende a postura de que ambas as partes sejam beneficiadas sem que uma das partes sofra algum tipo de dano.

Porém, as consequências de determinada ação variam de acordo com as situações na qual foi praticada. Sendo assim, o utilitarista nunca poderá ser corretamente acusado de falta de realismo, nem de uma rígida adesão a ideias que desprezam a experiência prática. Para o utilitarista, mentir será mau em algumas circunstâncias e bom em outras, dependendo das consequências que o ato acarretar. (SINGER, 2002, p. 11).

O autor sugere de uma forma mais explícita a utilização ou a forma de utilitarismo que defende neste trecho:

Sugiro, então, que não atribuamos à vida de um feto um valor maior que o atribuído à vida de um animal no mesmo nível de racionalidade, autoconsciência, consciência, capacidade de sentir, etc. Uma vez que nenhum feto é uma pessoa, nenhum feto tem o mesmo direito à vida que uma pessoa. (SINGER, 2002. P. 161)

Em uma outra análise o autor mostra um equilíbrio de interesses entre ambas as partes:

Nos casos em que o equilíbrio de interesses conflitantes torna necessário matar uma criatura senciente, é importante que a morte se dê com o mínimo de dor possível. No caso dos animais, a importância da morte humanitária tem ampla aceitação; curiosamente, pouca atenção se dá a esse aspecto no caso do aborto – e não é porque o aborto seja conhecido como uma prática que mate o feto humanitária e rapidamente. Os abortos em fase avançada da gravidez – que são aqueles nos quais o feto pode ser capaz de sofrer – às vezes são feitos mediante a injeção de uma solução de sal no saco amniótico que circunda o feto. Afirmou-se que isso faz o feto ter convulsões e morrer entre uma e três horas depois. Em seguida, o feto morto é expelido do útero. Se existem fundamentos para se supor que um método de abortar faz com que o feto sofra, esse método deve ser evitado. (SINGER, 2002, p. 161)

Tratemos neste momento a discussão que o autor faz sobre experiências com embriões humanos em sua fase inicial, no qual são mantidos vivos dentro de um fluido

especial, fora do corpo humano. De acordo com o autor é evidente que o argumento contra a experiência com embriões é mais forte do que o argumento pró-aborto, pois ambos argumentos não se aplicam diretamente ao caso do embrião no laboratório.

Portanto, o autor evidencia e faz um questionamento a respeito deste preceito, pois mesmo que o aborto seja visto por muito de maneira que devesse ser evitado, não se sabe se o embrião sente dor e possa ser prejudicado. Com isso o autor deduz que é necessário que se avaliem as formas de tratamento para com os embriões em laboratórios (FIV- Fertilização In Vitro), para que não haja dor ou sofrimento por nenhuma das partes (mãe-feto).

METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho foi necessário analisar o pensamento bioético de Peter Singer (o modelo utilitarista). A partir desta análise foi escolhido o método bibliográfico descritivo pois, segundo Barros & Lehfeld (2000, p. 71), por meio de pesquisas descritivas procura-se descobrir com que frequência um fenômeno ocorre, sua natureza, suas características, causas, relações e conexões com outros fenômenos, obtendo dessa forma os resultados esperados.

Para executar a pesquisa bibliográfica, será feita a elaboração de pesquisas sobre o autor Peter Singer, consistindo em especificar em que consiste seus argumentos a respeito da questão do aborto. Utilizaremos como medida para obtenção dos resultados a significância dos argumentos do autor, principalmente a sua visão utilitarista.

Através desta pesquisa, analisaremos os argumentos defendidos pelo autor, indagando o modelo utilitarista de Peter Singer, no qual é retratado em seu livro *Ética Prática*, que relata o utilitarismo baseado no universalismo e consequencialismo.

6 CRONOGRAMA

Atividades	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun
Revisão Bibliográfica	X				
Análise das ideias centrais do livro Ética Prática de Peter Singer		X			
Leitura comparativa dos livros Ética Prática e Vida Ética de Peter Singer			X		
Leitura Reflexiva:			X	X	
Análise comparativa do livro de SGRECCIA, Elio. Manual de Bioética I: Fundamentos e ética biomédica.					
Análise Geral das ideias tiradas dos livros estudados.				X	
Revisão Geral do Projeto					X

REFERÊNCIAS

SINGER, Peter. **Ética Prática**. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo, SP: Ed. Martins Fontes, 2002.

SINGER, Peter. **Vida Ética**. Trad. Alice Xavier. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Ediouro Publicações S.A, 2002.

BARROS, A. J. P. & LEHFELD. **Projeto de Pesquisa**: propostas metodológicas. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2000.

BEAUCHAMP, Tom L., CHILDRESS, James F. **Princípios de Ética Biomédica**. Trad. Luciana Pudenzi. São Paulo: Ed. Loyola, 2002.

ENGELHARDT JR., H. T. **Fundamentos da Bioética**. São Paulo: Loyola, 1998.

MARTIN, Leonard M. **Os Direitos Humanos nos Códigos Brasileiros de Ética Médica**: ciência, lucro e compaixão em conflito. São Paulo, SP: Editora do Centro Universitário São Camilo/ Ed. Loyola, 2002.

MARTIN, Leonard M. **A Ética Médica Diante do Paciente Terminal**: Leitura ético-teológica da relação médico-paciente terminal nos códigos de ética médica. Aparecida, SP: Editora Santuário, 1993.

SGRECCIA, Elio. **Manual de Bioética I**: Fundamentos e ética biomédica. Trad. Orlando Soares Moreira. São Paulo, SP: Ed. Loyola, 1996.

GARRAFA, Volnei, Dora Porto. Bioética, poder e injustiça: por uma ética de intervenção. **O Mundo da Saúde**. São Paulo, v. 26, n. 1, p. 6-15, jan./mar. 2002.

GRACIA, Diego. **Fundamentos de Bioética**. Madrid: Ed. EUDEMA, S. A., 1989.

_____. Incertezas metafísicas e religiosas: algumas considerações. In: PESSINI, Leo (Org.). **Bioética em Tempo de Incertezas**. São Paulo: Centro Universitário São Camilo; Ed. Loyola, 2010, p. 61-78.

JUNGES, José R. **Bioética**: Hermenêutica e casuística. São Paulo: Ed. Loyola, 2006.

POTTER, Van R. **Bioética**: Ponte para o futuro. Trad. Diego Carlos Zanella. São Paulo: Ed. Loyola, 2016.

RICOEUR, Paul. **O Conflito das Interpretações**: Ensaio de hermenêutica. Trad. M. Sá Correia. Porto, Portugal: RÉS-Editora, 1989.